

RESUMOS DE COMUNICAÇÃO

BRINQUEDOS PREFERIDOS DAS CRIANÇAS DA 4ª SÉRIE: UMA COMPARAÇÃO ENTRE A ESCOLA PÚBLICA E PARTICULAR

Lucyelena Amaral PICELLI¹; Lucineyde Amaral PICELLI¹; Analides Flávia CARUSO²; Isabelle PERIPOLLI²; Luiza Maria PAGANI²; Roselaine Beatriz PERIPOLLI.

¹Docente de Pedagogia da UNIPAR; ²Acadêmica de Pedagogia da UNIPAR.

O presente estudo tem como objetivo verificar a preferência de brinquedos para as crianças nos dias atuais, comparando duas realidades econômicas e sócias. Entendemos que os brinquedos são importantes enquanto recursos pedagógicos, pois contribuem de forma significativa para o processo de ensino e aprendizagem. Além disto, através do brincar a criança cria um espaço de experimentação do mundo e internalização da compreensão sobre as pessoas e os sentimentos. Diante desta premissa realizamos uma pesquisa de campo, por incentivo da disciplina Dinâmicas Lúdicas das Séries Iniciais da Educação Básica, do curso de Pedagogia, como réplica de uma pesquisa realizada por uma revista destinada às crianças. A presente pesquisa foi efetuada com 33 crianças na faixa etária entre 9 e 12 anos, da 4ª série do ensino fundamental, de duas escolas, uma pública e outra particular. As crianças responderam questões abertas, oportunizando-nos conhecer uma parcela do cotidiano lúdico de cada uma. Constatamos, através da análise de duas perguntas, que as crianças, tanto da escola particular como da escola pública, embora na era da informatização, conservam a preferência por brinquedos industrializados, tal como as gerações anteriores, entre eles: boneca, bola e carrinho, sendo que a opção vídeo game aparece em apenas 24,2% dos casos. Em outra questão que se referia ao desejo de qual brinquedo cada criança gostaria de ser, caso não fosse gente, encontramos que 57,5% das crianças escolheriam ser o seu brinquedo preferido. Notamos que as crianças da escola particular especificam uma marca de brinquedo, quando escolhem qual o tipo que gostariam de ser (ex: Barbie, Dragon ball, Emília), enquanto as crianças da escola pública não apontam nenhuma marca, apenas o tipo do brinquedo, por exemplo, boneca, carrinho, pipa... Pudemos constatar que, embora cercadas pelo comodismo adotado nos dias atuais, diante das inúmeras programações da televisão e compromissos diários, existe, ainda, para estas crianças, desta faixa etária, a força do brinquedo, como objeto cultural, presente no dia-a-dia das duas realidades sociais.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA META A SER ALCANÇADA

José Antonio da SILVA¹

¹Acadêmico do 3º ano de Pedagogia da UNIPAR

A educação de jovens e adultos vem se destacando a cada dia, isso se deve ao grande número de pessoas que estão procurando e sentindo necessidade de adentrar no mundo letrado, uma vez que não tiveram acesso a educação na idade correta, devido a se inserirem desde muito cedo no mercado de trabalho, contribuindo para a manutenção e subsistência familiar. Assim sendo, o referido trabalho propõe-se a explicitar as considerações propostas na Conferência de Hamburgo realizada na Alemanha em 1997, que se objetivou na discussão de meios para educar jovens e adultos estruturando-se uma agenda para o futuro desta modalidade de educação. A comunicação se realizará através da exposição oral, com o auxílio de transparências, levantando pontos relevantes da Conferência de Hamburgo, dando abertura de diálogo para os ouvintes. Os altos índices de analfabetismo na sociedade brasileira são alarmantes, e a partir desse ponto surgem questionamentos como, - De que forma podemos reduzir os índices de analfabetismo na população acima de 15 anos? Investindo na educação de jovens e adultos, mas como fazer para que esse modelo de educação chegue aos pontos mais críticos e de difícil acesso? Só depende da articulação dos três níveis de governo, da ampliação de parcerias com a sociedade civil organizada, com sistema produtivo e da mobilização dos diferentes segmentos sociais. Com isso busca-se, oferecer a homens e mulheres a oportunidade da escolarização com ênfase na educação continuada ao longo de suas vidas, e para se alcançar esse objetivo deve-se formar amplas alianças, mobilizar e compartilhar recursos, de forma a fazer com que a educação de jovens e adultos seja prazerosa, e principalmente um direito e uma responsabilidade compartilhada.

MICRO-ENSINO: REALIZAÇÃO DE FEEDBACKS DE INFORMAÇÃO E AÇÃO

Ana Cláudia de Almeida Fabel CHUEIRI¹; Débora Santos de OLIVEIRA¹; Juliane Rogoni FERRARI¹; Márcia CRAVEIRO¹; Rosângela Bressan BUOSI²; Vilma XAVIER¹

² Acadêmicas do Curso de Pedagogia - Unipar

² Docente do Curso de Pedagogia - Unipar

Este trabalho tem a finalidade de apresentar a experiência das atividades de Micro-ensino propostas às alunas do terceiro ano do curso de Pedagogia da Unipar – Universidade Paranaense. Micro-ensino é uma técnica de treinamento que proporciona vivências sistemáticas para o desenvolvimento de habilidades que proporcionem um melhor desempenho durante a jornada de estágio. Essa prática de ensino-aprendizagem vivenciada através de preparação prévia, planejamento, pesquisas com destaque para troca de experiências e cooperação da equipe, frisam a organização e contextualização do conhecimento. No segundo momento, a micro-experiência no qual os alunos-mestres ministraram aulas para o próprio grupo oportunizando alternativas de formalização para críticas construtivas, abrandamento do medo, troca de experiências, incentivo da criatividade e concepção de posturas. O principal ápice do micro-ensino está voltado para a experiência do *feedback* que possibilita através das aulas de demonstração melhor organização para o desempenho do aluno-mestre nas atividades de Regência de Classe.

O MARAVILHOSO E A FORMAÇÃO DA REALIDADE NA CRIANÇA

Nilvio Ourives dos SANTOS¹; Lucivani Ferreira da SILVA²

¹ Docente do Curso de Letras - UNIPAR, ² Discente do Curso de Pós-graduação - UNIPAR

Partindo de uma situação ligada à realidade do infante, o maravilhoso é o elemento mais propício na literatura infantil, atendendo a uma função literária e psicossocial, principalmente os contos de fadas, em situações de equilíbrio e desequilíbrio, ou vice-versa, voltando geralmente ao equilíbrio inicial. Assim sendo, tem ajudado as crianças a enfrentar seu amadurecimento emocional, ou seja, facilita a criança a compreender certos valores básicos da conduta humana ou melhorar seu convívio social. Como os personagens agem de maneiras diferentes, a criança passa a reconhecer em seu mundo que existe o lado real e o imaginário, e assim, por intuição, percebe a semelhança com a realidade de suas próprias experiências emocionais. O elemento maravilhoso ajuda a criança a suportar a dor e entender melhor sua própria identidade. A literatura passa a ser mediadora de uma tarefa muito difícil, que é ajudar a criança a encontrar significado na vida.

POR QUE CRIANÇAS APRENDEM UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA MAIS RÁPIDO?

Azize Pinheiro Youssef PORTO¹

¹ Docente do Curso de Letras-UNIPAR

Desde o antigo Egito e a Babilônia, o homem já se preocupava em entender a complexidade de suas habilidades cognitivas, e em especial com a capacidade de assimilar e utilizar línguas. Hoje, o que se aceita de forma geral, com base no que a neurolinguística, a psicologia e a lingüística oferecem, é uma série de hipóteses que procuram explicar essa habilidade exclusiva do ser humano. Essas hipóteses são resultados de estudos científicos que ajudam a explicar, não só o desempenho cognitivo do ser humano, como também as diferenças de aprendizagem entre crianças e adultos. A criança, mais que o adulto, precisa de contato humano para desenvolver habilidades lingüísticas, pois tem grande resistência ao aprendizado formal, artificial e dirigido. Só se preocupa em assimilar e fazer uso da língua estrangeira em situações de autêntica necessidade, desenvolvendo sua habilidade e construindo seu próprio aprendizado a partir de situações reais de interação em ambiente da língua e da cultura estrangeira. Ao perceber que a pessoa que dela se aproxima fala sua língua mãe, dificilmente se submete à difícil e frustrante artificialidade de usar outro meio de comunicação. A autenticidade do ambiente é mais importante do que o caráter das atividades (lúdicas ou não), e ambos são mais importantes do que qualquer planificação didática pré-determinada. Linguagem é um elemento de relacionamento humano e todos desenvolvem proficiência em línguas estrangeiras, sobretudo através de aquisição (desenvolvimento de habilidades através de assimilação natural, intuitiva, inconsciente, em ambientes de interação humana) do que aprendizado (estudo formal- memorizar informações e transformá-las em conhecimento através de esforço intelectual), especialmente crianças.

O “OLHAR” DA TV NOS AMBIENTES DE SALA DE AULA

Nelson Luiz POSSETI¹

¹Docente do Curso de Pedagogia da UNIPAR

É provável que a escola não se tenha dado conta que seus alunos estejam sendo *alfabetizados pelas imagens*. Esta questão tem profundas implicações, uma vez que personagens do mundo da TV proporcionam “leituras” que induzam as crianças e jovens sensações de leitura de alguma coisa. Assim, “Xuxas e Sandys da vida” se afiguram tanto quanto o “M” de McDonald’s repertórios de signos que aguçam a imaginação dos telespectadores aprendizes, lhes forjando aprendizagem quanto a “ler” marcas e tipos inspiradores, estimulando-os a serem *consumidores*. Ler as imagens para adentrarem o mundo do consumismo, é a proposta da TV que apela para o desejo e para o prazer de olhar, de desfrutar, de consumir o mundo das imagens eletrônicas. Por outro lado, na sala de aula, o aprendiz vê-se um tanto desmotivado diante do mundo das palavras escritas, do pensamento; do mundo representado pelo discurso do professor. Eis pois, o paradoxo: de um lado, o divertido, o da imagem-som, o incentivador; do outro, o chato, o retórico, o expositivo. Daí a sensação de *perda do interesse* do aluno na visão do professor. No entanto, há algumas propostas metodológicas que podem equacionar este impasse, uma delas é o aproveitamento de filmes temáticos, didáticos, para-didáticos e, inclusive, *amadores*, que possam provocar discussões que *desmontem* a linguagem da TV e consequentemente probilizam um *pensar com independência*, uma vez que, sem a crítica consciente da imagem-mensagem, não há saídas para o desenvolvimento do pensamento autônomo. Isto quer dizer que o que vem da TV não deve ser recusado simplesmente, afinal de contas a mesma não *contém um mal em si*, tiranizada pela lógica do consumo. Isto posto, pergunta-se: a) até que ponto o caminho para a reeducação do *império das imagens*, deve ser refletido?; b) como o *olhar do aprendiz* deve ser estimulado com autonomia crítica?; c) como a formação da cidadania deve ser encaminhada de forma consciente frente a influência da mídia televisual? Respostas para estas questões fidedignam-se aos objetivos desta comunicação: 1) Educar para a cidadania e para os direitos, para além dos imperativos consumistas; 2) Reconhecer que a educação, pode estar em harmonia, não em conflito, com o império das imagens, desde que emancipe o aprendiz, contribuindo para o pensar e agir por si próprio. Seguindo estes pressupostos, a Metodologia do Audiovisual pode contribuir para o melhor encaminhamento da questão, tendo servido em cursos de pós-graduação *lato sensu* para desmistificar o problema.

PROFESSOR, NOSSO DEVER É LER !

Aparecida do Nascimento MOTA¹; Cleuza Dala Póla Anuto SILVA¹; Patrícia Vieira de Matos FIGUEIREDO¹; Rosângela Aparecida de Oliveira SILVA¹; Tania Regina Albertini BALBINO¹; Therezinha F.F. BOLETA¹.

¹Acadêmico de Pedagogia da UNIPAR.

A finalidade desta comunicação é apresentar nossa experiência de regência sobre a importância da leitura prazerosa feita por nós no decorrer das aulas. Essa prática foi pré-requisito da disciplina de Conteúdos e Metodologia da Língua Portuguesa e Artes do curso de Pedagogia da Unipar, desenvolvida pelas acadêmicas do 3º ano, tendo como objetivo despertar nos alunos o gosto pela leitura. As atividades de leitura foram realizadas durante cinco dias em escolas estaduais, com alunos do ensino fundamental primeiro segmento, onde o momento da leitura se dava no início das aulas não importando a disciplina. Desde o primeiro dia desta atividade, pudemos perceber o entusiasmo, interesse e participação na leitura compartilhada por parte dos alunos. Isto se deu pelo fato de os mesmos terem experimentado uma metodologia diferente a que estavam acostumados em sala de aula. Na programação deste trabalho, foram selecionados textos literários condizentes com suas faixas etárias e de interesse da turma, estimulando assim, a participação unânime dos alunos durante as leituras. Pudemos concluir, que a leitura realizada de maneira lúdica e prazerosa pelo professor pode contagiar e motivar os alunos, levando-os para um mundo de fantasias, sendo eles os protagonistas das histórias. Com estas experiências vivenciadas, as crianças foram estimuladas a desenvolver a leitura pelo prazer de ler, atingindo assim, nosso objetivo.

REGÊNCIA DE CLASSE: EXPERIÊNCIA FUNDAMENTAL PARA O CURSO DE PEDAGOGIA.

Rosângela Bressam BUOSI¹; Alice Biodere VICENTIN²; Helena Aparecida da SILVA²; Maria Helena C. VENDRAMETTO²; Marielle Ferrer CAZAROTTO²; Simone G. de LIMA²; Waldirene WIETZIHOSHI².
Docente do curso de Pedagogia¹ – Unipar; Acadêmicas do curso de Pedagogia² - Unipar

Através desta comunicação, pretende-se apresentar às alunas das séries iniciais do curso de pedagogia a enriquecedora experiência de Regência de Classe, a qual, proporciona aos alunos do curso de Pedagogia a vivência real da aprendizagem presente nos conteúdos desenvolvidos em sala de aula. Estabelece o vínculo de união entre a teoria e a prática e oportuniza troca de experiências enriquecedoras para a formação de profissionais competentes, que saibam lidar com as mais diversas situações presentes no âmbito escolar. Para que a regência aconteça de forma a atingir seus objetivos é preciso traçar planos bem ordenados. Na atuação docente ou qualquer outra prática profissional é necessário que haja clareza, nível adequado de linguagem para que o receptor -aluno- se aproprie desse conhecimento sistematizado. A comunicação precisa se estabelecer de forma ordenada onde os professores entendam os alunos e os alunos entendam seus professores. Torna-se imprescindível a relação do professor orientador de estágio com os acadêmicos que irão desenvolver essa prática de ensino. A experiência da Semana de Regência de início causa medo, angústia e uma grande expectativa perante uma nova situação a ser vivenciada, porém, com a orientação dos professores e aulas de micro ensino, é possível superar essas dificuldades. Concluiu-se, pois, que a Regência é uma prática rica em conhecimentos que proporciona aos alunos uma ação reflexiva sobre o ensino-aprendizagem nas escolas. É por tudo isso, que a regência de classe torna-se uma prática de ensino que deve ser contínua e obrigatória para todos os profissionais em educação.

RELAÇÕES DE GÊNERO NAS BRINCADEIRAS INFANTIS

Lucineyde Amaral PICELLI¹; Lucyelena Amaral PICELLI¹ José Antônio da SILVA²; Daniela Andréia de SOUZA³
¹Docente de Pedagogia - UNIPAR; ²Acadêmico de Pedagogia da UNIPAR; ³Especialista em Educação Infantil.

O brincar tem sido alvo de muitas pesquisas nos últimos tempos assim como as diferenças de gênero têm chamado a atenção de pesquisadores do desenvolvimento infantil. Na UNIPAR – Universidade Paranaense através do projeto de extensão universitária denominado Brinquedoteca: espaço lúdico-científico acontecem algumas investigações sobre o brincar de crianças pequenas. Diariamente o projeto atende crianças de 3 a 6 anos das creches do município e os acadêmicos, que estagiam neste espaço, observam como as crianças brincam. Diante das atividades lúdicas, meninos e meninas tendem a brincar de maneiras diferentes e a preferir brinquedos diferentes. Acreditamos que a construção do que é ser homem ou mulher passa necessariamente pela influência de comportamentos, interesses, estilos de vida, tendências diversas, responsabilidade etc. Acontece, portanto, através da cultura, mediada pelas relações sociais. Neste sentido, o brincar contém elementos importantes de análise para esta construção. Considerando que a creche é o espaço de convivência destas crianças, surgiu o interesse da realização de uma pesquisa sobre o pensamento de adultos, que trabalham com elas, com relação ao brincar de meninos e meninas. Através da disciplina de Conteúdos e Metodologia da Educação Infantil buscou-se conhecer a opinião das coordenadoras das creches, utilizando uma entrevista com perguntas abertas, sobre as brincadeiras e brinquedos de meninos e de meninas. Este trabalho relata alguns resultados preliminares, entre eles: para os profissionais ainda existe uma divisão clara entre o que são brinquedos e brincadeiras de meninos e o que são brinquedos e brincadeiras de meninas; os dados apontam uma variedade maior de brinquedos e brincadeiras de meninos, em comparação aos das meninas; poucos brinquedos e brincadeiras se repetem para ambos os sexos, tais como: pular corda, roda, queimada, modelagem, bets e pega-pega. A resposta “não existe mais uma divisão entre as brincadeiras de meninos e de meninas”, a nossa hipótese inicial, não apareceu nenhuma vez. Pensamos que a prática do brincar é também uma aprendizagem social, ou seja, alguém ensina alguém a brincar, neste sentido propomos uma reflexão sobre a forma como as nossas crianças estão sendo ensinadas ou permitidas a brincar, a partir da perspectiva do adulto sobre as formas em que cada criança, de ambos os sexos, pode utilizar para brincar livremente.

TEORIA E PRÁTICA: SINAL DE ALERTA !

Rosângela Bressan BUOSI¹; Helena Aparecida da SILVA²; Ilda de O. Carvalho CAVALCANTE²; Therezinha de F. F. BOLETA²; Vilma Silva GOMES².

¹ Docente do Curso de Pedagogia - UNIPAR; ² Acadêmicos de Pedagogia - UNIPAR

Como amarrar teoria e prática? Essa é a questão que será abordada na comunicação, os obstáculos que pensávamos não ultrapassar no período prévio à regência de classe no curso de Pedagogia. O primeiro momento foi entrar em contato com a teoria, observação e participação em sala de aula do Ensino Fundamental, e o segundo momento participamos do micro-ensino, reforçamos e corrigimos a prática docente com orientação dos supervisores de estágio e com discussão em sala com colegas de formação e, no terceiro momento entramos em contato com a prática real – a regência. Ao nos depararmos com a nova proposta de regência, parecia alarmar-se uma desastrosa situação, onde acreditávamos não possuir a base necessária para suportarmos tal trabalho com habilidade e competência, o que confirmou nossas angústias de enfrentamento profissional, buscamos ajuda que nos direcionasse para uma reflexão da ação que deveríamos tomar no ato da regência. Nesta fase da formação, cria-se um mundo irreal pelas expectativas de desenvolvimento de um trabalho profissional adequado às realidades atuais das escolas as quais visitamos; isto é a primeira visão e reação perante o sonho de sucesso profissional, nos tornamos inconscientes de nossa capacidade. Passado o primeiro impacto, e absorvido o conteúdo do novo, de uma nova metodologia que nos proporcionasse segurança na ação/reflexão/ação do fazer docente, que nos serviu de alicerce para superarmos o medo e encararmos com mais naturalidade aquela nova situação, nos permitindo perceber que o novo pode ser bom. Os sonhos retornaram, trazendo garantia de um bom desempenho para realizá-los, tornou-nos competentes e habilidosos para deixarmos o nosso marco na história, trazendo novas idéias de investimento na educação. A teoria é de fundamental importância, mas é na prática que se avalia o ensino e a aprendizagem.